



Resenha Crítica do Documentário *Comunicação Popular: quem faz?*

Julyane Capanema de Souza Fogaça*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: 0009-0001-8932-5471

*Autor correspondente (e-mail: fogajuba@gmail.com)

O documentário *Comunicação Popular: quem faz?*, produzido pelo Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), é uma obra curta, porém intensa, que se debruça sobre experiências de comunicação comunitária nas favelas do Rio de Janeiro. Em pouco mais de 22 minutos, o filme consegue apresentar uma verdadeira aula sobre o que é a comunicação popular, suas funções, desafios e importância social.

Logo nas primeiras falas fica evidente que a motivação por trás da comunicação comunitária vai além de qualquer pretensão financeira ou institucional. A fala “faço isso por paixão e por loucura” revela o grau de entrega dos comunicadores e comunicadoras envolvidos nas ações dentro das comunidades. São moradores da própria favela, pertencentes à mesma classe social de seu público-alvo, que constroem meios de comunicação com um olhar de dentro para fora – o que confere à produção uma legitimidade rara e potente.

O documentário mostra como a comunicação popular se propõe a ser um instrumento de resistência, organização política e cidadania. Jornais, rádios, TVs comunitárias e projetos como o *Maré de Notícias*, a *TV Tagarela*, a *Rádio Santa Marta*, entre outros, são apresentados como vozes que ecoam dentro e fora das favelas, oferecendo uma narrativa que contrasta com aquela produzida pela grande mídia, frequentemente pautada por estigmas e criminalização.

Um dos destaques do filme é a exposição da lógica midiática tradicional, que tende a retratar a favela sempre de forma pejorativa, como um “não lugar” social, afastado da sociedade, do conhecimento e da política. Em contrapartida, o documentário apresenta a favela como um espaço de cultura, aprendizado e convivência, reforçando o sentimento de pertencimento e de identidade comunitária. A fala “a comunicação popular precisa de movimento popular” sintetiza a ideia de que esse tipo de jornalismo não existe de forma isolada, mas integrada à organização coletiva.

Além disso, o documentário também explicita os obstáculos enfrentados pelos próprios comunicadores. O histórico de criminalização das favelas, a presença de facções criminosas e milícias e a ausência de representantes da esquerda política nas periferias do Rio dificultam a atuação livre e segura desses meios. A violência policial também é tratada com realismo – há, inclusive, imagens fortes de mortes e repressão que, embora possam ser sensíveis ao público, cumprem o papel de chocar e mostrar uma realidade invisibilizada.

A abordagem do documentário também ganha força ao recuperar experiências históricas, como o *Jornal Tagarela* e a continuidade do projeto na *TV Tagarela*, ambos da Rocinha. O resgate de projetos como a ESPOCC (Escola Popular de Comunicação Crítica), do Observatório de Favelas, acrescenta um valor formativo importante ao conteúdo, mostrando

como iniciativas educacionais podem impulsionar práticas comunicativas mais conscientes, como a *publicidade afirmativa*, que procura valorizar identidades e vivências negligenciadas pelas mídias hegemônicas.

Em suma, o documentário apresenta a comunicação comunitária como o verdadeiro jornalismo social. Uma comunicação “pelo povo, para o povo, com o povo”, que se preocupa com os reais interesses da comunidade e que atua de forma crítica e propositiva na luta por direitos e visibilidade.

Apesar da potência do conteúdo, há alguns pontos que podem ser observados com senso crítico. O primeiro deles diz respeito ao ritmo e à quantidade de temas abordados. O documentário tenta dar conta de muitos assuntos em pouco tempo: comunicação comunitária, violência policial, ausência do Estado, projetos educativos, histórico da comunicação nas favelas, publicidade afirmativa, sentimento de pertencimento, entre outros. Em consequência, algumas questões acabam não sendo aprofundadas como poderiam, o que gera uma sensação de superficialidade em certos trechos. Às vezes, quando se tenta falar sobre tudo, não se fala muito bem sobre nada.

Outro ponto é a escolha de imagens muito impactantes e sensíveis de violência policial. Embora sejam fundamentais para mostrar a realidade brutal vivida pelos moradores das favelas, essas cenas podem afastar espectadores mais sensíveis ou que não esperam esse tipo de conteúdo. Talvez fosse interessante um aviso prévio, ou uma abordagem mais gradual dessas imagens.

Um terceiro aspecto é a pouca representação de pessoas jovens envolvidas diretamente na produção dos meios de comunicação. Ainda que o documentário mostre duas jovens se integrando aos coletivos, nota-se um padrão de que a maioria dos comunicadores são pessoas mais velhas, que possuem vínculos maiores e mais duradouros com a comunidade. Isso levantou a pergunta: o que está afastando os jovens da comunicação popular? Esse ponto poderia ter sido explorado com mais profundidade.

Por fim, mesmo que o documentário reforce que a favela não é só violência, algumas cenas e discursos ainda orbitam demais em torno da dor e da opressão. Teria sido interessante ver mais momentos de alegria, cultura e resistência positiva – que também compõem a vida comunitária.

Na minha visão, *Comunicação Popular: quem faz?* é um documentário necessário. Ele cumpre um papel fundamental de mostrar que a comunicação não é – e não deve ser – um monopólio dos grandes veículos ou das elites políticas e econômicas. Pelo contrário, o filme nos lembra que o jornalismo tem uma função social essencial: informar de forma responsável, com um olhar humano, local e engajado.

O que mais me tocou no documentário foi perceber que a comunicação comunitária surge como um grito de resistência e de sobrevivência. Em lugares onde o Estado é ausente e a mídia é violenta na sua forma de representar, os moradores se apropriam da palavra, do microfone e da câmera para falar de si mesmos, do que vivem, do que sonham. É um ato político.

Achei especialmente simbólica a fala de que “às vezes as pessoas da favela sabem o que tá acontecendo do outro lado do mundo e não sabem o que acontece na rua de trás”. Essa frase escancara como o acesso à informação, quando é mediado pelos grandes meios, não é local nem pensado para as realidades específicas da favela. A comunicação comunitária, nesse sentido, reconstrói o vínculo com o território, com a identidade e com o coletivo.

Outro ponto que achei interessante, embora pouco mostrado com fotos e vídeos, foi o modo como o documentário mostra que a favela não é só um espaço de dor. Ao contrário do

que a grande mídia costuma propagar, o filme apresenta a favela como espaço de cultura, de afeto, de memória e de aprendizado. É onde nascem iniciativas como “Cineminhas no Beco”, projeto voltado para as crianças da comunidade, rádios que discutem saúde pública, jornais que divulgam cursos e serviços locais.

Perceber que essas iniciativas continuam existindo e resistindo é inspirador. Ou seja: a favela é viva e criativa. Além disso, o documentário reforçou a importância de dar atenção aos veículos locais, apoiar seus conteúdos e buscar formas de integração entre as mídias tradicionais e as comunitárias.

Sua estética também me agradou. Ele tem uma linguagem simples, orgânica, sem filtros ou “firulas” técnicas. Isso, para mim, reforça o que ele defende: uma comunicação feita de dentro, com os recursos possíveis, mas com muita verdade. Isso é muito mais importante do que aquele glamour técnico. É uma linguagem que aproxima e representa.

Pessoalmente, acredito que esse tipo de produção deveria ser mais valorizada e discutida nas universidades, nas escolas e em espaços formativos. É essencial para quem estuda comunicação compreender o papel social que ela pode e deve ter. A comunicação comunitária não é uma “comunicação menor”, mas uma das formas mais legítimas de fazer jornalismo e transformar realidades.

Após assistir ao documentário, me senti mobilizada a refletir sobre o lugar que ocupamos como comunicadores e comunicadoras dentro de uma sociedade tão desigual. O filme provoca uma autocrítica necessária sobre o distanciamento entre os grandes centros de produção de informação e as realidades periféricas. É impossível assistir e continuar achando que a comunicação se resume a noticiários de TV, redes sociais corporativas e redações fechadas.

No plano político, acredito que o filme tem o potencial de influenciar mudanças, especialmente quando levado para debates públicos. Ele denuncia, de forma sutil porém direta, a ausência do Estado, a criminalização da pobreza e a lógica excludente da mídia tradicional. Essas questões podem ser transformadoras quando levadas para fóruns, projetos de lei, políticas públicas e programas de formação.

Como conclusão, reafirmo que *Comunicação Popular: quem faz?* é um documento audiovisual de resistência. Ele nos ensina que a comunicação comunitária não é só um instrumento de informação, mas também de memória, identidade, organização política e afeto coletivo. Ao dar voz aos invisibilizados, ela se torna um dos pilares mais fundamentais da democracia.

Como estudante de comunicação, esse documentário me lembrou por que escolhi essa área. Porque a comunicação pode ser ferramenta de transformação social, de luta e de vida. Muito além do monetário, o que importa é o impacto que podemos causar ao dar espaço para que as pessoas contem suas próprias histórias. Afinal, como o próprio documentário mostra, “uma coisa é alguém de fora falar da favela. Outra coisa é alguém de dentro contar sua própria vivência”.

Referências

COMUNICAÇÃO Popular: Quem Faz?. Direção: Claudia Santiago. Produção: Núcleo Piratininga de Comunicação. Brasil: Núcleo Piratininga de Comunicação, 2015. 1 arquivo de vídeo (22:44). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sSSFvoZzwdQ>. Acesso em: 13 set. 2025.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 08/09/2025

Aprovado em: 13/09/2025